

25 JUL

Sábado / Saturday

19:30 Igreja de N. Sra. da Estrela / N. Sra. da Estrela Church

MÚSICA DE CÂMARA / CHAMBER MUSIC

GOLDMUND QUARTET

Florian Schötz, violino

Pinchas Adt, violino

Christoph Vandory, viola

Raphael Paratore, violoncelo

Joseph Haydn (1732–1809)

Quarteto de Cordas em Mi bemol maior, Op. 33 n.º 2 “A Piada”

Allegro moderato

Scherzo

Largo sostenuto

Presto

Mieczysław Weinberg (1919–96)

Quarteto de Cordas n.º 5 em Si bemol maior, Op. 27

Melodia

Humoresque

Scherzo

Improvisation

Serenade

— INTERVALO / INTERVAL —

Franz Schubert (1797–1828)

Quarteto de Cordas n.º 14 em Ré menor, D. 810 “A Morte e a Donzela”

Allegro

Andante con moto

Scherzo. Allegro molto

Presto

Joseph Haydn (1732-1809) é reconhecido como o pai do quarteto de cordas, não apenas porque escreveu tantos - 68 no total -, mas também porque foi o primeiro a levar o género a sério. Isso não significa que não houvesse espaço para o humor, como demonstra o seu Opus 33, um ciclo de seis quartetos de cordas. O ciclo é por

vezes designado “As Piadas”. Esta designação refere-se ao facto de Haydn, neste ciclo e pela primeira vez, ter substituído o minueto mais tradicional por um scherzo, cujo significado literal, em italiano, é “piada”.

Embora o subtítulo do quarteto do programa desta noite (Opus 33, n.º 2) não possa ser atribuído ao próprio Haydn, o compositor brinca claramente com o seu público. Mas é preciso ter paciência - a piada só chega mesmo no fim. Todos conhecemos o impulso entusiástico, mas por vezes perturbador, de alguém no público começar a aplaudir antes de a peça ter realmente terminado. No final do quarto andamento, Presto, Haydn conduz deliberadamente o público em erro, criando a impressão de que a peça acabou. Mas ainda faltam alguns compassos. A música prolonga-se e é interrompida por pausas gerais, até que o tema inicial encerra a peça, conferindo à música uma sensação de leveza, como se esvoaçasse como uma borboleta numa inesperada rajada de vento de Verão.

O salto para Mieczysław Weinberg (1919-1996) dificilmente poderia ser maior. Filho de pais judeus moldavos, nasceu em Varsóvia. Embora tenha tido uma infância feliz, cheia de música, o destino atingiu-o em 1939, com a invasão alemã da Polónia. Weinberg e a irmã partiram em fuga para a Rússia, mas esta teve de regressar, incapaz de suportar as dificuldades do percurso. Weinberg acabou por chegar a Minsk, onde ingressou no conservatório. Nunca mais voltou a ver a família. Quando os alemães invadiram também a Rússia, Weinberg fugiu para Tashkent. Depois de ter conseguido salvar a vida, manteve sempre uma certa gratidão para com o Exército Vermelho e a sua pátria de adopção, apesar de, pouco depois da Segunda Guerra Mundial, o anti-semitismo ter rapidamente reaparecido na Rússia. Os seus movimentos eram constantemente vigiados e, em 1948, juntamente com outros compositores, foi incluído numa lista negra. Em 1953, foi preso e encarcerado sob a acusação de “cosmopolitismo burguês judaico”. A morte de Estaline e uma intervenção de Shostakovich conduziram à sua libertação. Esta acumulação de experiências traumáticas reflecte-se na sua música. Como explica o musicólogo Daniel Elphick na sua tese de doutoramento sobre os quartetos de cordas de Weinberg, a música de Weinberg raramente culmina em raiva. Há começos, mas estes nunca chegam a um clímax; as emoções permanecem reprimidas. O Scherzo do seu Quarteto de Cordas n.º 5 pode servir de exemplo.

Embora Schubert (1797-1828) tenha sido, em geral, um compositor extremamente produtivo, o ano de 1824 foi particularmente fecundo. Depois de um ano de contrariedades e dificuldades - as suas tentativas de se afirmar como compositor de ópera tinham fracassado e atravessara um período de sofrimento causado por sífilis e neurastenia -, Schubert reuniu forças e produziu, entre outras obras, uma das suas mais conhecidas obras-primas, o Quarteto de Cordas n.º 14 em Ré menor, mais conhecido como A Morte e a Donzela. A obra toma o seu nome da canção que Schubert escrevera em 1817 sobre o texto do poema homónimo de Matthias Claudius. No poema, uma jovem tenta convencer a Morte, um velho esquelético, a

deixá-la em paz, enquanto a Morte procura convencer a donzela de que é sua amiga e de que nos seus braços repousará tranquilamente. No segundo andamento, Schubert desenvolve o tema principal da canção num conjunto de variações. Há quem defenda que Schubert regressou a esta canção por estar consciente da sua própria morte iminente. Invocam também o último andamento, que Schubert moldou como uma tarantella, uma dança selvagem ou dança da morte, que supostamente servia de cura contra a histeria causada pela picada de uma tarântula. Outros afirmam que não existe tal programa subjacente à música e que a composição deve ser entendida como a chamada música absoluta, isto é, música pela música.

Joseph Haydn (1732 - 1809) is credited for being the father of the string quartet, not only because he wrote so many, 68 in total, but also because he was the first to take the genre seriously. That doesn't mean there wasn't room for humor, as his Opus 33, a cycle of six string quartets, demonstrates. The cycle is sometimes referred to as 'The Jokes'. The nickname refers to the fact that Haydn, in this cycle for the first time, replaced the more traditional Minuet with a Scherzo, the literal meaning of which is 'joke' in Italian.

Although the subtitle of the quartet on tonight's program (Opus 33, No.2) cannot be attributed to Haydn himself, the composer clearly fools around with his audience. But you have to be patient – the joke isn't cracked until the very end. We all know the enthusiastic but sometimes disturbing urge of the odd person in the audience to start applauding before the actual piece is over. At the very end of the fourth movement, 'Presto', Haydn deliberately leads the audience astray by creating the impression the piece is over. But there are still some bars to come. The music is drawn out and interrupted by general pauses, until the initial theme brings the piece to a close, infusing the music with a sense of weightlessness, as if it flutters away like a butterfly in an unexpected flurry of summer wind.

The step to Mieczysław Weinberg (1919 - 1996) could hardly be bigger. Born from Moldovan Jewish parents, Weinberg was born in Warsaw. Although he had a happy childhood filled with music, fate struck in 1939 with the German invasion of Poland. Weinberg and his sister set off to flee to Russia, but the latter had to return, not being able to cope with the hardships. Weinberg made it eventually to Minsk, where he entered the conservatory. He never saw his family again. When the Germans also invaded Russia, Weinberg fled to Tashkent. Having saved his life, Weinberg always

maintained a certain gratitude towards the Red Army and his adopted homeland, despite the fact that soon after the Second World War antisemitism in Russia quickly reappeared. His movements were constantly tracked and in 1948, alongside other composers, he was blacklisted. In 1953 he was arrested and jailed on the grounds of 'Jewish bourgeois cosmopolitanism'. Stalin's death and an intervention from Shostakovich led to his release. This accumulation of traumatic experiences is reflected in his music. As the musicologist Daniel Elphick explains in his doctoral thesis on Weinberg's string quartets, Weinberg's music rarely culminates into rage. There are beginnings but they never reach a climax, emotions remain suppressed. The 'Scherzo' of his String Quartet N°. 5 may serve as an example.

Although Schubert (1797 - 1828) was in general an extremely productive composer, 1824 was particularly fruitful. Following a year of setbacks and hardship – his attempts to establish himself as an opera composer had failed and he went through a bout of suffering from syphilis and neurasthenia – Schubert pulled himself together and churned out, among other things, one of his best-known masterpieces, the String Quartet No. 14 in D Minor, better known as *The Death and The Maiden*. It takes its name from the song that he wrote in 1817 on the text of the eponymous poem by Matthias Claudius. In the poem, a young girl tries to convince Death, a bony old man, to leave her alone, while Death tries to convince the maiden that he is a friend in whose arms she will rest peacefully. In the second movement, Schubert spins out the main theme of the song into a set of variations. Some people contend that Schubert reverted to this song as he was aware of his own approaching death. They also refer to the last movement that Schubert shaped as a tarantella, a wild dance or a dance of death, that was supposed to be a cure against hysteria caused by the bite of a tarantula spider. Others assert there is no such program underlying the music and that the composition should be seen as so-called absolute music, that is, music for the sake of music.

[Bart de Vries](#)